



FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. **Êxodo 15,22-18,27**: São Paulo: Paulinas, 2011, 216p. (Col. Comentário Bíblico Paulinas).

Marcos Adriano Lovera*

Leonardo Agostini Fernandes, professor da Pós-graduação do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, atuando principalmente nos temas Antigo Testamento, Pentateuco, Profetismo, Intertextualidade e Hebraico Bíblico, e Matthias Grenzer, professor e coordenador da Pós-graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, atuando nos temas Exegese do Antigo Testamento, História de Israel e Hebraico, escrevem o segundo *Comentário Bíblico Paulinas*, da coleção registrada com esse nome, do texto de *Êxodo 15,22-18,27*. A editora, com essa coleção, pretende preencher a lacuna existente na produção de estudos científicos acerca das Sagradas Escrituras, tanto em nosso país quanto na América Latina, buscando a inovação do estudo da Bíblia Sagrada.

Os autores revelam, com exímia transparência e competência, grande conhecimento do texto sagrado, e organizam conceitos e ensinamentos do Antigo Testamento, trazendo-os para os nossos dias. O tema *liberdade* é o foco central da obra – liberdade complicada de ser alcançada no contexto do êxodo, pois foi necessário desenvolver um profundo conhecimento, adquirido pela prática de um relacionamento íntimo com Deus, através de suas interações com a massa de pessoas que seguiram um líder eleito por ele, em pleno deserto, ao saírem do Egito opressor rumo à nova terra, em busca de estruturar uma sociedade aberta a novas opções.

* Mestrando em Ciências da Religião pela PUC Minas. Graduado em Teologia. Professor de Antigo Testamento e Homilética do ILC (Instituto de Liderança Cristã, em Belo Horizonte). País de origem: Brasil. E-mail: lovera@sbb.org.br.

Obedecer a Deus é o que o líder Moisés e o povo de Israel devem fazer para alcançar a liberdade tão almejada. O texto de Êxodo 15,22-18,27 percorre essa jornada, contando pormenorizadamente, em seis episódios, o primeiro período da passagem do deserto depois da travessia do mar dos Juncos (mar Vermelho), até os hebreus se instalarem junto ao monte Sinai. Foi uma nova e difícil possibilidade que se abriu para o povo, de aceitar o desafio de viver sob a orientação de um Deus que o ama, acolhe, resgata, trata e guia por intermédio dos seus interventores, para, após ensinar-lhes, levá-los a um lugar prometido para viverem a retidão afetiva e servirem de exemplo para outras nações.

No primeiro episódio, *Água em Mara e Elim*, estuda-se o texto de Ex 15,22-27, onde evidencia-se que o caminho a ser percorrido rumo à liberdade será mais penoso do que se poderia esperar. Esse *andar rumo à liberdade* perpassa por aflições e angústias capazes de atentar contra a permanência da vida. Diante da ausência de água potável, o povo se queixa contra o seu líder, não aceitando uma atitude inerte que consente o fim da vida. O refúgio de Moisés, quando tudo ia mal, era poder recorrer ao Senhor Deus, que escutaria o grito de seu povo sofrido. Ele sabia que era necessário haver uma revelação divina em resposta à oração do líder. A resposta divina da transformação da água amarga em doce faz dessa experiência um projeto jurídico. As leis divinas passam a ter significado relevante, pois o *direito* principia um relacionamento entre Deus e as pessoas e isso deve ser fruto da experiência do êxodo. Surge uma nova relação entre Deus e seu povo, onde o Senhor é o protagonista que intervém com a *cura coletiva*, e cada um passa a assumir seu compromisso na construção de uma nova sociedade, mediante a adesão ao mandado do Senhor.

O segundo episódio, *Maná e codornizes no deserto de Sin*, que apresenta o texto de Ex 16,1-36, aborda o começo de um período considerável na história do êxodo – *os quarenta anos de maná*. Outra vez, a *congregação dos filhos de Israel* murmura contra o seu líder por ter saído de um lugar onde tinham alimento suficiente, rumo a um presente longínquo e aterrador. Confiar em Deus e nas suas provisões de suprimento diário é experimentar a sua glória no mais árido deserto da vida. O povo colhe o que Deus providencia e, depois de fazer a sua parte, descansa e usufrui do cuidado do Senhor, que sempre lhes dá uma nova e abundante oportunidade. O Senhor proveu uma maneira de

ensinar ao povo obediência e dependência diária a um Deus que leva o povo a percorrer um caminho precário, mas que transforma a escassez em fartura.

Com o terceiro episódio, *Água em Rafidim, posterior Massa e Meriba*, com o texto de Ex 17,1-7, observa-se a repetição de atitudes de falta de reconhecimento de que todos eram companheiros na mesma dificuldade. Culpar Moisés pela falta de conforto no deserto é o preço que o líder tem de pagar em prol da liberdade. O homem de fé demonstra sensibilidade ao sofrimento do povo e transforma a constrangedora e repetida murmuração em novo clamor a Deus, por saber que ele, por si só, não tem como salvá-los, mas o seu Senhor pode e irá se manifestar mais uma vez na hora da angústia, provando o seu amor e cuidado.

O quarto episódio, *Josué enfrenta Amalec*, contido em Ex 17,8-16, revela mais uma manifestação de cuidado da parte de Deus por seu povo, em pleno deserto. A vitória é dada pelo Senhor ao seu povo pelas mãos do seu líder Moisés e pela atuação de seus auxiliares, sendo Josué quem liderou em batalha um grupo seletivo contra Amalec, e Aarão e Hur aqueles que o sustentaram quando mantinham as mãos de seu líder erguidas. O sucesso aconteceu pelo poder de Deus, mas, também, pelo esforço e dedicação de seus liderados, em obediência à sua orientação. Ao derrotarem o oponente poderoso, renasce no povo escolhido a convicção de que Deus está com ele. O caminho da liberdade prossegue sob a liderança de Moisés, seus ajudantes e o povo, que deve continuar se expondo junto ao seu Deus.

Em *Jetro reconhece o Senhor, Deus de Israel*, o texto de Ex 18,1-12, do quinto episódio, apresenta uma experiência importante de Moisés e seu sogro Jetro. Após ouvir os atos do Senhor em favor de Moisés e seu povo, seu sogro se prepara para visitá-lo, levando consigo sua filha e seus netos para entregá-los ao genro. Chegando ao deserto onde Moisés se achava acampado, junto ao monte de Deus, é recebido por ele em sua tenda e, ouvindo-o, se certifica dos grandes feitos realizados pelo Senhor desde o Egito, quando livrou seu povo da escravidão, de maneira poderosa. Certamente, Moisés narrou os pormenores desse livramento e causou um grande impacto na vida de Jetro, ao ponto de ele experimentar a *alegria* de conhecer verdadeiramente o Deus de Israel. A ocasião do reencontro de Jetro com Moisés, considerado como uma breve interrupção, imprescindível na jornada pelo

deserto, auxiliou a preparação de toda a multidão dos libertos para ir ao encontro do Senhor no monte Sinai, mais adiante.

No último episódio, *Moisés escuta os conselhos de Jetro*, de acordo com Ex 18,13-27, chegamos ao ponto final do primeiro período da passagem do deserto depois da travessia do mar dos Juncos, quando fica evidente que o fardo da liderança era pesado para Moisés e o estímulo prático de Jetro, no intento de reestruturar os encargos, foi prudente, sensato e útil. Moisés exercia, naquele período, outra atribuição: uma função jurídica que lhe possibilitava exercer a justiça de maneira pública. O crescimento e o avanço do povo rumo à Terra Prometida apontavam para a necessidade de orientação legal. Partilhar o poder com um grupo escolhido para atuar com autoridade nas tomadas de decisões no meio do povo eleito era algo fundamental para o sucesso da caminhada, e Moisés acolhe com humildade o conselho do sogro. Ao examinar os problemas do povo enquanto avançavam, Moisés e seus selecionados indicavam a maneira como trabalhar diante das vicissitudes que sobreviriam na terra de Canaã. Depois de estabelecido, o povo escolhido precisava estar preparado para recordar-se com maturidade do conhecimento adquirido desde a partida do Egito rumo a um lugar definido por Deus; e, com essas experiências, descobrir maneiras de suplantar as dificuldades advindas no contexto da nova habitação, que seria fixa e definitiva. A convivência pacífica dessa gente em busca da justiça e da prática do bem seria o novo desafio.

No transcorrer desse comentário bíblico, os autores enriquecem o conhecimento do leitor quando tecem apontamentos, primeiramente acerca do *contexto e composição*, com objetivo de facilitar e auxiliar a compreensão do conjunto de circunstâncias à volta dos acontecimentos, bem como da disposição e do grau de excelência de cada narrativa. Posteriormente, trazem a *tradução e paralelos*, a partir do hebraico com textos convergentes tanto do primeiro quanto do segundo Testamento, ampliando a visão literária e acadêmica e buscando transportar o sentido do texto original à nossa língua. Por fim, fazem *comentários* exegético-teológicos de cada episódio, versículo por versículo, o que indicia a relevância da obra. Para finalizar cada capítulo, há uma *atualização pastoral* que examina e traz, para os dias atuais, pistas de reflexão oriundas da leitura de cada texto. No final do livro, são apresentados textos de *Comentários patrísticos* que destacam o modo como os Padres da Igreja leram e comentaram esses episódios. Talvez fosse oportuno rever

a necessidade de manter esse tópico nos próximos volumes do *Comentário Bíblico Paulinas*, pois, mesmo tendo como objetivo a compreensão exegetico-teológica dos textos bíblicos, o dinamismo da leitura orante é contestado exatamente por se tratar de um *Comentário Bíblico* específico do Antigo Testamento, sem a necessidade de comparações alegóricas com o Novo Testamento.

O livro é essencial e indispensável para aqueles que almejam maior compreensão da Palavra de Deus, pois suas notas e apontamentos aclaram o texto bíblico de maneira prática, objetiva e simples, cumprindo o propósito de alcançar os interessados em estudar e meditar as tradições bíblicas.